

Vera Duarte: “a mulher cabo-verdiana é uma personagem interessante”

Érica Antunes Pereira*

Resumo

Nesta apresentação, procuro aliar minha pesquisa acerca da poesia de Vera Duarte – especialmente de sua primeira obra, **Amanhã amadrugada** –, desenvolvida em nível de Doutorado na Universidade de São Paulo (USP), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), à perspectiva da própria autora, dialogando tanto sobre seu “fazer poético” quanto sobre a situação das mulheres cabo-verdianas na atualidade, e tomando como pontos de apoio a teoria da hermenêutica do cotidiano e a entrevista a nós concedida por Vera Duarte em Cabo Verde (Ilhas de Santiago e São Vicente), em dezembro de 2009.

Palavras-chave: Literatura cabo-verdiana; Poesia; Autoria feminina; Vera Duarte.

14 de dezembro de 2009. O Grupo de Estudos Caboverdianos (na ocasião representado pela sua coordenadora, a Profa. Doutora Simone Caputo Gomes, e por Antonio Mantovani, Cláudia Corrêa, Cristina Maran, Genivaldo Sobrinho, além desta que agora fala) entrevistava¹ a escritora e poeta Vera Duarte nas ruas do Mindelo, na Ilha de São Vicente, Cabo Verde, onde nasceu e viveu até a adolescência. Uma experiência ímpar compartilhar a emoção da poeta diante de sua casa de infância, em cuja porta ainda figura, numa placa, o nome do falecido pai, António Domingos Duarte, comerciante radicado na Ilha desde os anos de 1950.

* Usp/Fapesp.

1 - A entrevista foi realizada em duas etapas, sendo a primeira na Praia (Ilha de Santiago, Cabo Verde), no dia 9 de dezembro de 2009, e a segunda no Mindelo (Ilha de São Vicente, Cabo Verde), no dia 14 de dezembro de 2009. O roteiro foi elaborado por Cláudia Maria Fernandes Corrêa e Érica Antunes Pereira (esta com estadia custeada pela FAPESP – bolsa de Doutorado), com supervisão da Professora Doutora Simone Caputo Gomes, coordenadora do Grupo de Estudos Cabo-verdianos de Literatura e Cultura CNPq/USP. O material está em fase de preparação para publicação.

Foi durante essa entrevista que, indagada sobre a situação social das mulheres no país, Vera respondeu: “É uma personagem interessante a mulher cabo-verdiana”. E com esse mote que bem marca uma interlocução própria da literatura (só mesmo um literato definiria a sua gente como personagem) inicio o presente texto, em que pretendo apresentar algumas das características da poesia da referida autora em sua primeira obra, **Amanhã amadrugada**.

Publicada em 1993, este livro se estrutura em quatro Cadernos (“15 momentos de um longo poema dedicado ao amor”, “Exercícios poéticos”, “Poemas de bloqueio – e de amor e ausência” e “de quando se soltaram as amarras”) e é composta por um total de 15 momentos (Caderno I), 10 exercícios poéticos (Caderno II) e 34 poemas (Cadernos III e IV), todos organizados em obediência a uma ordem cronológica regressiva, fato que, de acordo com Alberto Carvalho, faz com que o livro ganhe “forma simbólica ao chamar ao *incipit* o tempo próximo (1985), ponto de partida cronológico para o ‘Amanhã’ proposto em título”. A respeito do título, também no curso da entrevista a poeta relata que sua escolha

tem muito a ver com a época histórica em que foi escrito, como a dizer que é um país mesmo no comecinho. É quando o dia começa, mas muito no início do dia; não é o raiar do dia, é antes do raiar do dia. Foi um pouco essa ideia que eu quis transmitir no livro, aquilo que a gente está a começar a construir. É o antes do início da madrugada. É um pouco a linha do novo, do que vai nascer: desde a mais pequena terra, a primeira luzinha que vem. (DUARTE, 2009, entrevista 09/12/09).

Assim, como bem reflete Laura Cavalcante Padilha,

A rasura das fronteiras já se presentifica no título da obra, um explícito jogo de possibilidades sígnicas, quando se pensa a incorporação/desincorporação, tanto do artigo definido feminino (*a*), quanto do morfema indicador deste mesmo feminino (igualmente *a*). Assim: será o advérbio “amanhã”? Será o substantivo “a manhã”? Será o adjetivo “amadrugada”, ou o substantivo “a madrugada”? E vai por aí, cabendo ao receptor escolher o rumo a tomar no tapete ou no gramado onde pisará para poder, ele mesmo, entrar no jogo de amarelinha da produção de sentido... (PADILHA, 2002, p. 196-197)

Amanhã amadrugada, de fato, é uma obra que prima pela inovação, inserindo, no panorama literário cabo-verdiano, uma ruptura aos gêneros literários à medida que são apresentados os poemas em prosa, constantes dos dois primeiros Cadernos. Nesse sentido, afirma Maria do Carmo Sepúlveda:

Sua escritura é a representação legítima da ruptura com as regras estabelecidas que demarcam fronteiras entre prosa e poesia. Vera poetisa o texto sem se preocupar com sua estrutura física – estende suas palavras sobre a folha em branco, atenta para a beleza que delas irradia e ‘descuidada’ com o desenho por elas formado. (SEPÚLVEDA, 2000, p. 335)

O pioneirismo de Vera Duarte não se atém à literatura, sua atuação no contexto social é marcante, sagrando-se como a primeira mulher a entrar para a carreira da Magistratura em Cabo Verde, a atuar como Juíza Conselheira no Supremo Tribunal de Justiça do país e a participar da Comissão Africana para o Direito do Homem e dos Povos. Assim, a atuação enquanto profissional do Direito, principalmente em defesa das mulheres cabo-verdianas – de quem se considera, inclusive, uma “intérprete” –, alia-se ao gosto pela escrita, tomada também como “uma forma de a mulher lutar”, como afirma na já citada entrevista:

É uma personagem muito rica e não é em vão que dizemos que, em Cabo Verde, estamos por viver praticamente um matriarcado, porque a mulher está na luta, vai a todas as lutas, a todos os campos de batalha, e apanha, mas levanta-se e vai outra vez; penso que isso lhe dá uma força muito grande. E é por isso que, numa determinada altura, a escrita também apareceu como uma forma de a mulher lutar; além de ser uma manifestação artística, é também uma forma de a mulher lutar. Andamos muitos anos a dizer ‘a mulher é um ser igual’, portanto temos que fazer de tudo para que isso aconteça também na prática. De alguma forma, temos conseguido, o processo tem andado, mas à custa de muitos sacrifícios da mulher. Acho que é uma personagem interessante a mulher cabo-verdiana. É uma mulher de luta. (DUARTE, 2009, entrevista 14/12/09).

Além de **Amanhã amadrugada**, Vera Duarte publicou outras quatro obras, sendo **O arquipélago da paixão** (2001) e **Precis e súplicas ou os cânticos da desesperança** (2005) em poesia, **A candidata** (2003) em prosa e **Construindo a utopia**: temas e conferências sobre Direitos Humanos (2007) uma coletânea de intervenções feitas pela autora ao longo de sua carreira jurídica. As mulheres, em suas obras, ocupam sempre uma posição de destaque, sendo-lhes por Vera Duarte realçados as lutas, os desejos e as subjetividades no contexto cabo-verdiano.

Para exemplificar, tomemos como exemplo o “Momento IX: mensagem ao próximo milénio que já não tarda”, no qual surge uma mulher que se autodefine como dividida entre a “essência” e a “aparência”, máscaras que se modificam “quotidianamente” conforme desempenha diferentes papéis, sejam eles em âmbito

público (o trabalho remunerado) ou privado (a gerência da vida doméstica):

De regresso ao lar, já cumprida a insuperável dualidade do meu ser essência aparência, quotidianamente exausta, a minha única vontade é deixar-me cair – inerte – sobre a cama e, sem despir o camuflado que me impõe a minha condição de guerreira...
Perder-me. (DUARTE, 2008, p. 57)

Observemos que a vestimenta é descrita como um “camuflado”, reveladora de uma “mulher de luta” – para utilizarmos a expressão cunhada pela autora durante a entrevista –, ou seja, que precisa trabalhar para sobreviver ou para mostrar, num exercício reiterado, a sua capacidade de, assim como os homens, atuar no campo econômico e social. No entanto, ao mesmo tempo em que o “camuflado” pode ser lido como um atributo à “condição de guerreira”, faz-nos cogitar que essa mulher, ao se mostrar, também se esconde; ou seja, para assumir-se no espaço público, ela se vê obrigada a ocultar (ou até a renegar) o privado, fato, segundo sua óptica, exaustivo e incontornável (“insuperável dualidade”), mas necessário para a assunção das mais diversas ocupações no setor público.

Em decorrência do uso reiterado dessas máscaras sociais, a “única vontade” do sujeito poético, após todo um dia numa espécie de posição de sentido, é apenas a de regressar “ao lar” e deixar-se “cair – inerte – sobre a cama”, demonstrando o seu imenso cansaço e a sua gana por acolhimento, intimidade e aconchego tão próximos do chamado universo feminino (cf. ROCHA-COUTINHO, 1994); importantíssimo, porém, é o fato de que, para apropriar-se desse mundo privado, a mulher – sempre movida pela “dualidade” – deseja deitar-se “sem se despir”, o que, com o apoio de uma leitura hermenêutica do cotidiano feminino, permite-nos enxergá-la num esboço de rasura ao domínio patriarcal (cf. DIAS, 1994, 1998).

É evidente que, no pensamento desse sujeito poético feminino, agir de tal forma pode representar uma desistência, daí a razão da escrita do “Perder-me”, solitário, em destaque, como a expressar sua preocupação de não trair os princípios feministas, mas, ao mesmo tempo, desejando mostrar-se na íntegra, despida de amarras e de convenções :

Despir-me sim desta loucura que me rói e dói. Afinal a imagem sedutora daqueles que nos circundavam não trouxe genuínas emoções, pureza original, aquilo com que contávamos. E, com o olhar naufragado em desamparo e solidão, continuei carregando a minha paixão, apesar das juras nocturnas de que amanhã a compartilharia.
Despir-me sim do odor camuflado das coisas e do ar que

sufocadamente me cerca. Sinto-me perseguida. Sem razão aparente mas perseguida. Ter-me-ei esquecido que a mancha que permanentemente acompanha meus passos é apenas a minha sombra e não um qualquer processo persecutório movido não sei por quem, movido não sei porquê? (DUARTE, 2008, p. 57)

Como podemos notar, não é somente o fato de vestir “o camuflado” que perturba o sujeito poético, mas também a interiorização desse processo repressivo androcêntrico (sentido como “persecutório”) e, sobretudo, a falta de reconhecimento ou apoio ao esforço por si empregado diuturna e reiteradamente em busca de um processo inovador e emancipador para as mulheres de sua sociedade; é um estado de “desamparo e solidão” experimentado pelo sujeito poético, que, apesar das adversidades todas e do compartilhamento frustrado (“apesar das juras nocturnas de que amanhã a compartilharia”), continua “carregando” a sua “paixão” ou causa a fim de estender o espaço das mulheres também para o exterior ou a vida pública, caso e quando assim o desejem. Desta maneira é que reafirma(-se):

É esta paixão que não me deixa friamente analisar, dissecar, asseptizar. Como é do meu gosto. E como é linda esta folha de papel que nervosamente vou cobrindo de pequenas formas arredondadas que talvez morram no caixote de lixo mais próximo ou levem ao próximo milénio a mensagem do milénio mil, rica e sinuosa, vermelha como um grito, injusta e sombria, mas, acima de tudo, MULHER. (DUARTE, 2008, p. 37).

Em outras palavras, essa “MULHER” – grafada em letras maiúsculas numa espécie de grito imperativo e (re)afirmativo –, apesar de, em alguns momentos, questionar-se sobre a validade de sua luta, dela, em verdade, não fugirá jamais, posto tratar-se de uma “paixão”. Assim é que, no desfecho, verificamos a fixação das palavras no papel, como a eternizar a referida paixão e a vontade de, um dia, ver concretizada a emancipação feminina.

Afinal, conforme assegurou-nos a própria Vera Duarte durante a entrevista concedida em dezembro de 2009, o processo de escrita “também é uma forma de a mulher lutar” e, portanto, de (a)firmar-se como e enquanto tal na sociedade.

Nesse sentido, analisando o poema em prosa “Momento XII: século vinte, um dia incerto de um tempo de mágoas” (DUARTE, 2008, p. 60), verificamos a reiteração do querer-fazer ou da gana por impor a sua vontade, não se limitando a, pacificamente, aguardar que os fatos aconteçam: é preciso rasurar as convenções e mostrar, pela tomada de atitude materializada pela voz/grito feminino e pelo próprio processo de escritura, que as mulheres, tanto quanto os homens, são

capazes de desenvolver papéis diversos daqueles ligados às tarefas domésticas e à criação dos filhos, ou seja, podem instalar-se como actantes, tendo o direito de amar e de escolher:

Com impulsos violentos de revolta suportada, com silêncios gritantes de paixão não assumida, eu sonhei e no sonho recuperei os infinitos perdidos dos meus horizontes. Os meus olhos mergulharam para além do monte – cara que se recorta nítido no pôr-do-sol faustoso que da minha janela contemplo, sou criança, só me interessa a mã-gatchada e a tua presença aqui amor debaixo da cama, quando a luz se apaga e as nossas brincadeiras se transformam em jogos lúdicos e inocentes, eu sonhei e no sonho se compôs a imagem de perdida felicidade. Componente primeira LIBERDADE, e o sonho se desfez em pesadelos, porquê morrer se não sou feliz? (DUARTE, 2008. p. 54).

O onírico, como podemos perceber, é perpassado pela realidade maculada de injustiças e constantes lutas a fim de superá-las, daí os “impulsos violentos de revolta suportada” e os “silêncios gritantes de paixão não assumida”. E é nessa medida que o sujeito poético mergulha os olhos “para além do monte”² e se projeta na imagem feminina que no horizonte se mostra, ou seja, assume-se mulher, vencedora de obstáculos, feliz e livre. No entanto, ao passar o que parece ser um transe, recobrando a consciência, epifanicamente descobre que, em verdade, a felicidade e a liberdade ainda são sonhos: a luta pelo direito das mulheres, portanto, deve continuar para que um dia, finalmente, possa ser escrita a palavra “LIBERDADE” com letras maiúsculas. Somente livre é capaz de ser feliz.

Abstract

In this presentation, I try to combine my research on the poetry of Vera Duarte - especially of his first book, *Amanhã amadrugada* - developed in the Ph.D. at the University of São Paulo (USP), with a grant from the Research Support Foundation of the State of Paulo (FAPESP), the perspective of the author herself, talking both about his “poetic” and about the situation of women in Cape Verde at present, and taking as points of support the theory of hermeneutics of everyday life and the interview granted to us by Vera Duarte in Cape Verde (Islands of Santiago and São Vicente), in December 2009.

Keywords: Cape-verdean literature; Poetry; Feminine authorship; Vera Duarte

2 - Referência ao Monte Cara, visto a partir do Mindelo, na Ilha de São Vicente, em Cabo Verde.

Referências

- CARVALHO, Alberto. Estudo. In: LOPES, Baltasar. **Escritos filológicos e outros ensaios**. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2010.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. In: **Estudos feministas**. Rio de Janeiro : CIEC/UFRJ, Ano 2, vol 2, 2. semestre 1994, p. 373-382.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. In: **Projeto História**, n. 17. S. Paulo: PUC, 1998, p. 223-258.
- DUARTE, Vera. **Amanhã amadrigada**. 2. ed. Praia: IBNL, 2008.
- GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde**: Literatura em chão de cultura. São Paulo: Ateliê Editorial; UNEMAT; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.
- PADILHA, Laura Cavalcante. A encenação do corpo por três poetisas africanas. In: PADILHA, Laura Cavalcante. **Novos pactos, outras ficções**: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 187-204.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por detrás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SEPÚLVEDA, Maria do Carmo. Duarte: Vera poesia multifacetada no espelho cabo-verdiano. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. 2000, p. 329-347. **África & Brasil**: letras em laços. Rio de Janeiro: Atlântica.